O QUE NÃO SABEMOS

Conhecimento difuso do Egito

Idéias preconcebidas ocultam asneiras e uma delas envolve a religião; não há uma religião revelada no Egito, não há uma bíblia, um alcorão, uma história sagrada. É difícil ver claramente as coisas

CHRISTIANE DESROCHES-NOBLECOURT
■
EGIPTOLOGIA

Todos os anos os historiadores aportam elementos novos à história dos faraós, fatos do dia-a-dia, batalhas, guerras: a margem de erro é mínima. Mas, quando se toca no domínio da filosofia e da religião, quando se aventura na interpretação dos textos, das imagens e dos símbolos, recolocando-os em seu contexto — esta é a chave da arqueologia —, então se começa a escorregar.

Faz 65 anos que eu tento ser uma egiptóloga. Colocando questões. Acumulando provas. Combatendo as idéias recebidas, que ocultam muito frequentemente belas asneiras.

A primeira ignorância que está em mim — diria mesmo, que me fatiga — é a da religião egípcia. Não há uma religião revelada no Egito. Não há uma bíblia, um alcorão, uma história sagrada.

> **SOU PRUDENTE, PORQUE HÁ SEMPRE UMA EXCEÇÃO QUE CONFIRMA A REGRA**

Temos textos que fazem alusão a mitologias. Encontramo-nos diante de um tal montão de detalhes que é difícil ver claramente as coisas.

Os sacerdotes, os escribas, os clérigos complicaram, adoçaram, enriqueceram ou deformaram o pensamento religioso. A gente fica tão "atrapalhada" que compreende por que um homem como Amenophis IV tenha tentado pôr em ordem a religião.

Monoteísmo — Ele não criou um monoteísmo. Nem um cisma. Muito menos uma heresia. Ele simplesmente tentou esclarecer essa confusão em torno de uma idéia simples: o reconhecimento de uma força única. Quando se estudam os textos das pirâmides, tem-se a impressão de que existe uma espécie de mecanismo cósmico cego, criado por um autoproclamado demiurgo. E que todo o resto não são senão imagens e manifestações de um demiurgo. Somente aqueles que não sabem nada afirmam tudo. Eis o problema.

Outro enigma: a pirâmide de Quéops. Não sou uma especialista dessas pirâmides que se conhecem muito bem — ou muito pouco? —, mas pergunto: essas pessoas que nos falam ainda e sempre da câmara do rei, da câmara da rainha que provas apresentam? Não existe nenhuma inscrição nas pirâmides da quarta Dinastia. Nessa época, em princípio, a rainha não era enterrada no túmulo do rei. Digo "em princípio".

Sou prudente e é preciso sê-lo, porque existe sempre a exceção que confirma a regra: uma revolução, por exemplo. E então, onde está ela, a rainha? Isso me inquieta e eu faço a pergunta a quem quer ouvi-la. Em segundo lugar: a câmara do rei.

Sepultura — Os estudiosos pensam reconhecer aí um jazigo, graças a uma cuba de granito que ali está.

A pirâmide marca a presença de uma sepultura de faraó, mas onde está essa sepultura? Aqui também, estou no terreno da hipótese: esta sala onde se encontra a cuba pode ser um cenotáfio — um falso túmulo.

Seria este o ponto de passagem do intelecto, da imagem imaterial de Quéops, em ascensão rumo a uma purificação que irá levá-lo para mais perto de Deus. Mas onde ele está enterrado? É preciso então interrogar, como se diz "enterrar" em egípcio? Diz-se "Chedi r ta", colocar na terra. Os japoneses e os americanos, ao que parece, submeteram o corpo da pirâmide aos raios, mas sem dúvida seria preciso sondar realmente o subsolo.

Por que não se suporia que, sob a quarta dinastia, tenham sido construídas salas funerárias e túmulos no subsolo, como se fez sob a quinta dinastia? Pode-se admitir que aí existe um pequeno problema, não é? Mas colocar um problema é chocar convicções e a preocupação com um certo conforto...

Terceiro exemplo: os signos do Zodíaco, conhecidos até hoje, são de origem egípcia. Há 30 anos, estudando outra coisa — é sempre assim que se fazem as descobertas — consegui interpretar os cinco primeiros signos do Zodíaco.

Entre a religião de Osíris e a religião solar, entre a expressão divina diurna e noturna, entre a vida e a morte, estes signos têm um significado bem preciso. Há quatro anos, cheguei à interpretação de todos os outros. Todos, exceto um: Capricórnio.

Capricórnio me escapa, com sua cabeça e seu corpo de caprino e sua cauda de peixe. Eu arrejo este Capricórnio, mas não tenho certeza de nada. Poderia ser o crescimento do grão de trigo que ainda está na água, na lama úmida e isso explicaria a cauda. E sua cabeça, com seus dois pequenos chifres, seria a lingüeta que vai surgir dos dois cotilédones — e logo germinar, furando a superfície da terra. Tomo muitas precauções.

Coloco um "talvez" em cada uma destas frases. Em egiptologia, para uma questão difícil há uma solução simples. Sempre. Mas desembaraçar, decifrar esta simplicidade é extremamente difícil.

Um dia, pesquisando alguma outra coisa, encontrarei talvez meu Capricórnio. Talvez. O acaso entra em jogo. Mas o acaso não serve para nada se a gente não estiver pronta para interpretá-lo. É preciso muita ciência para uma pequena poeira.

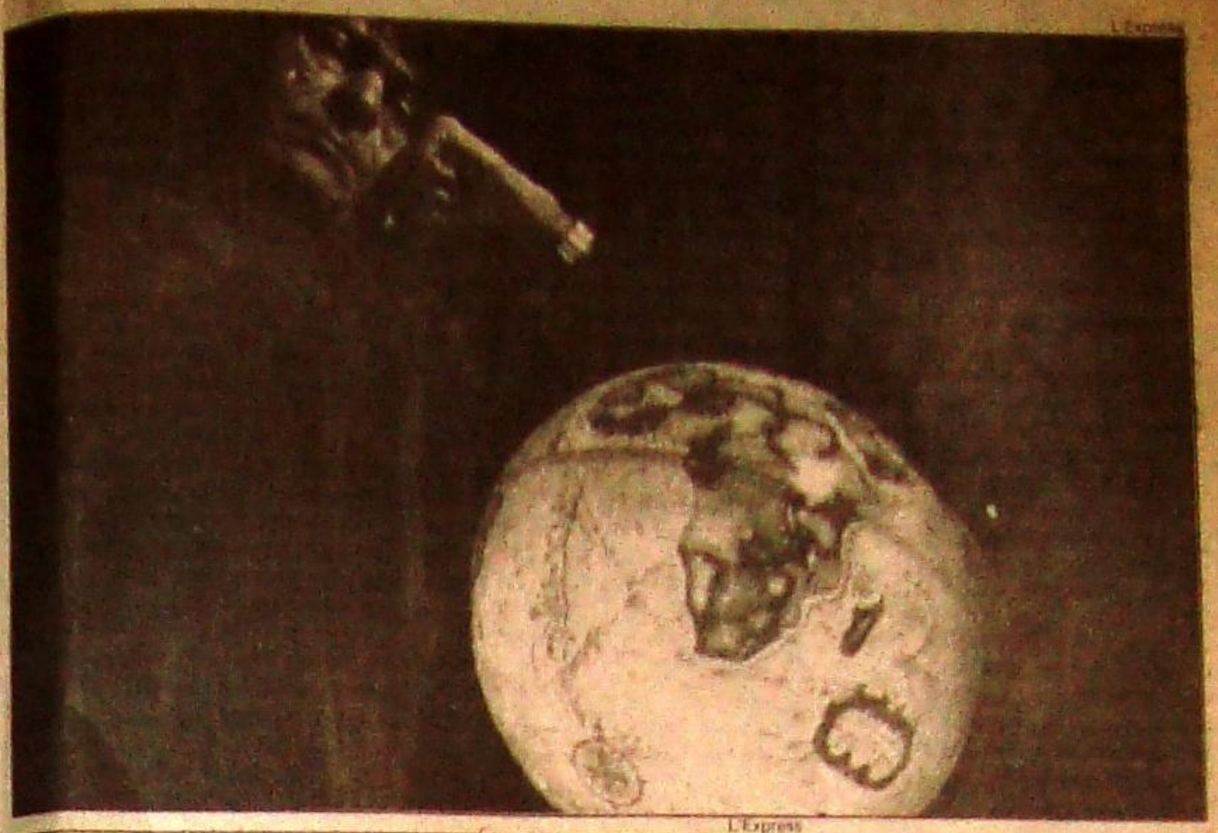
■ *Christiane Desroches-Noblecourt é historiadora e autora de "Amours et Fureurs de la Lointaine".*

L'Express

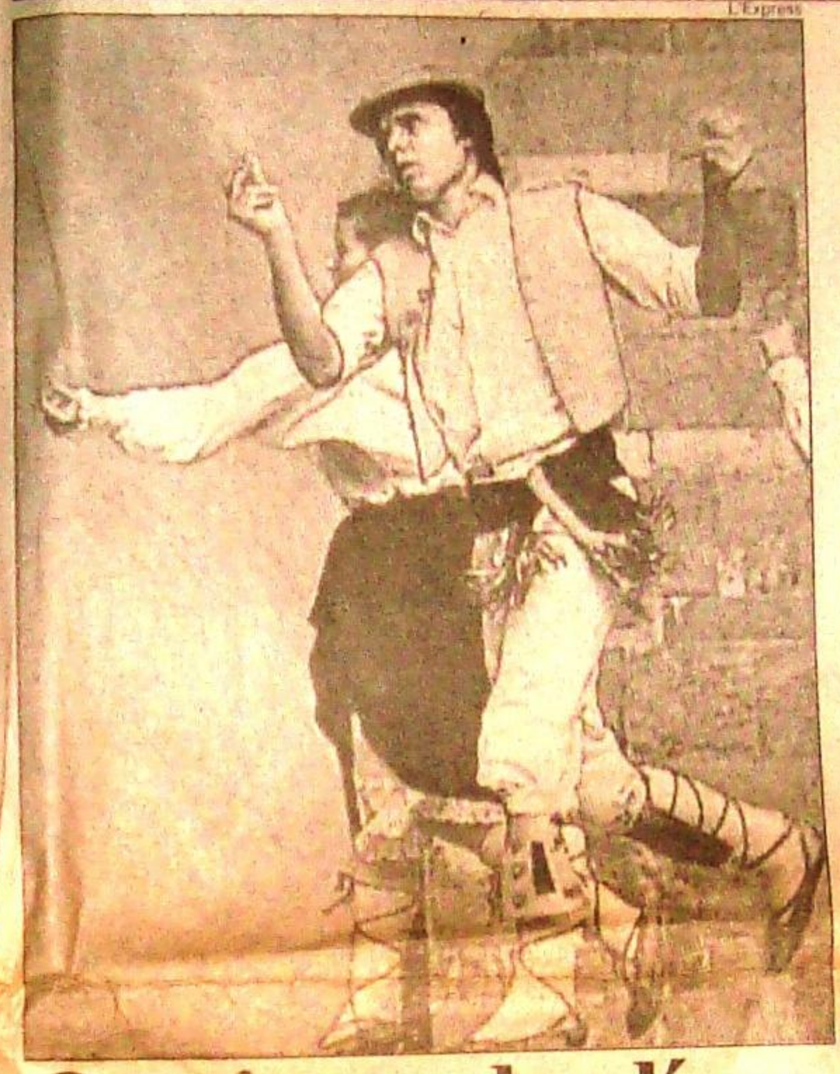
Entre a religião de Osíris e a religião solar, entre a expressão divina diurna e noturna, entre a vida e a morte, estes signos têm um significado bem preciso. Há quatro anos, cheguei à interpretação de todos os outros. Todos, exceto um: Capricórnio. Capricórnio me escapa, com sua cabeça e seu corpo de caprino e sua cauda de peixe. Eu o farejo, mas não tenho certeza de nada

AE

L'Express



L'Express



O que seria da África ou da Nova-Guiné, se o lingüista não se precipitasse com seu gravador para registrar os últimos fonemas balbuciados pelos idosos doentes, que não falam mais com tanta clareza seu idioma, já que só o praticam entre eles? Sem nunca ter sido transmitida aos jovens, a língua em questão não teria mais nenhum traço no futuro. Já, os bascos (esq.) são os bascos

O enigma das línguas mortas

Ao contrário dos pesquisadores de outras áreas, que dispõem de documentos ou substâncias para análise, o lingüista que mergulha no tempo não tem esperanças de encontrar material manipulável

CLAUDE HAGÈGE
■
LINGÜÍSTICA

O que se pode dizer do dácio, língua que os ancestrais dos romanos falavam antes de serem dominados pelas tropas de Trajano? E do panônio, falado às margens do Danúbio? E do etrusco, na região de Florença? E do ibero? Do cartaginês? Do ligúrio? O que dizer de todos esses idiomas? Nada. São idiomas mortos. Desapareceram. São enigmas, mistérios. E o mesmo se pode dizer do gaulês. Ao contrário do que acreditam os mal informados falantes de francês, as palavras da etimologia gaulesa encontradas na língua francesa — de um total considerado de 40 mil palavras — não passam de uma centena. O historiador da época medieval, ou de qualquer época que seja, dispõe de manuscritos para a sua análise; o geólogo pode estudar a rocha; o físico, o gás. No entanto, o lingüista profissional que se aventura pela diacronia — do tempo — não tem esperança de ter em mãos um material manipulável, sejam folhas ou pergaminho. Seu único recurso é a memória. A transmissão oral. Há transmissões orais que atravessam séculos e séculos. Outras não. Diante dessa constatação de exumação impossível de um certo passado — e portanto do saber — eu não perco o meu tempo. Não sou do tipo melancólico ou pessimista. Mas é conveniente aprender algo com o presente e o futuro.

> **GRAVADOR REGISTRA ÚLTIMOS FONEMAS FALADOS POR VELHOS DOENTES**

Você já deve ter ouvido falar dessa filosofia, mas vou recordá-la de qualquer forma: a experiência prova que quanto menos sabemos, mais achamos que sabemos; e, quanto mais sabemos, mais temos consciência daquilo que não sabemos. Esse princípio se aplica perfeitamente ao lingüista investigador. Isso por uma razão muito simples, numérica e comprovada: há no mundo contemporâneo cerca de 7 mil a 7,5 mil línguas. Aquelas que são descritas, que têm sua gramática e vocabulário registrados em monografias, não são nem a metade. As outras, não são nem registradas, nem conhecidas, nem estudadas. Além disso, na sua maioria, essas línguas de tradição oral estão em via de extinção. O que seria da África — meu domínio predileto — ou da Nova-Guiné, se o lingüista não se precipitasse com seu gravador para registrar os últimos fonemas balbuciados pelos idosos doentes, que não falam mais com tanta clareza seu idioma, já que só o praticam entre eles? Sem nunca ter sido transmitida aos jovens, a língua em questão não teria mais nenhum traço no futuro. Há uma questão de urgência. Uma motivação para que não se agrave o déficit do conhecimento. Nós nos livramos das descrições sincronizadas, horizontais, das estruturas atuais da língua. Nosso material é vivo: é o ser humano. Mas quando nosso observador não sabe dar informações, não podemos inventá-las.

Ocorreu uma só vez, em 1976, em uma etnia africana do centro de Camarões. Na ocasião, eu tive a alegria de presenciar o nascimento de uma palavra. Ao descobrir o meu gravador, meu informante criou na sua língua — o *mbuan* — palavra equivalente a "cabaça de palavras". No ano seguinte, quando voltei ao local, a palavra havia sido consagrada e já não nos lembrávamos de quem a tinha inventado. O esquecimento da paternidade de uma palavra é considerado uma conseqüência de seu sucesso. Eu chamo a atenção para um fato: se a lingüística é uma ciência, a etimologia não é. É uma prática. Em 90% do casos, não sabemos qual é a origem de uma palavra.

Convenhamos que no contexto da urgência, querer reconstituir o passado é um luxo. Baseado no comparativismo, a partir das línguas existentes atualmente, e observando as raças comuns, a lingüística conseguiu — com um pouco de presunção — reconstituir a base antiga, unificada de um número significativo de idiomas. Mas além das línguas antigas, das famílias das línguas — o indo-europeu, o altaico, o sino-tibetano, etc. —, ainda existem grandes mistérios. De onde vem o basco? E de onde vêm os bascos? Provavelmente foram eles os primeiros habitantes da Europa, mas seu idioma não é vinculado a nenhum povo, a nenhuma família. O que é a língua basca? Ora, o basco é o basco: um dos mais belos enigmas da lingüística.

A lingüística é considerada uma ciência humana e não se reporta ao domínio da pesquisa poética. Isso não significa que todos esses grandes pontos de interrogação, todos esses aspectos mágicos, líricos e rmânticos não sejam importantes enquanto motivação. Há sempre elementos passionais embutidos na curiosidade. Eu confesso uma coisa: tenho tanta paixão, tanta vontade, tanta disposição de descobrir os mistérios de uma língua que sou capaz de abdicar do relacionamento com uma mulher. E no caso de uma decepção sentimental, a aventura através de um idioma me consola durante as semanas seguintes. Com você não acontece o mesmo?

■ *Claude Hagège é professor do Collège de France.*